

VALLEJO, Irene, *O infinito num junco: a invenção do livro na Antiguidade e o nascer da sede de leitura*, Lisboa, Bertrand Editora, 2020, 454 pp. ISBN 978-972-25-4037-7.

O livro, monumento de memória da Humanidade, é o tema trabalhado por Irene Vallejo, vencedora do Prémio Nacional de Ensaio em Espanha em 2020, em *O infinito num junco: a invenção do livro na Antiguidade e o nascer da sede de leitura*. Neste, a autora infere um diálogo e até uma simbiose entre História, Literatura e a sua própria experiência pessoal, procurando compreender e simplificar a aparente amálgama entre o passado, o presente e o futuro da origem e do destino deste suporte de escrita.

Após um breve prólogo, I. Vallejo realça o enorme empreendimento dos emissários dos reis de Alexandria na aquisição de todos os livros do mundo, que viriam a preencher as estantes da Biblioteca. Esta referência ao mundo alexandrino servirá de mote ao desenvolvimento da primeira parte da narrativa.

A autora tece uma história do livro em dois blocos temáticos, um relativo ao mundo grego e outro ao romano, subdivididos por sua vez em capítulos. O primeiro bloco, “A Grécia imagina o futuro” (p. 21), remete-nos para “a cidade dos prazeres e do livro” (p. 23), iniciando com a fundação de Alexandria, até ao seu desenvolvimento pelos Ptolomeus, não olvidando o período do jugo romano. Abarca tanto a criação da Biblioteca, do Museu e da Biblioteca-Filha, no templo de Serápis, como as atividades empreendidas nestas instituições, desde a cópia de obras ao desenvolvimento de trabalhos científicos, filológicos e literários.

Referem-se os nomes dos seus protagonistas, os bibliotecários, que, como Calímaco de Cirene, cuidaram da aquisição, organização e disponibilização dos rolos de papiro, e mesmo do tratamento dos suportes de escrita, o papiro e o pergaminho, sem ficar de parte a contribuição das mulheres, num ambiente altamente masculinizado.

O leitor é ainda convidado a compreender a invenção do alfabeto, que permitiu a criação do livro, contribuindo para o desenvolvimento da literacia. São ainda tratados temas como a destruição da Biblioteca, a (possível) perda total dos seus manuscritos e o desaparecimento dos seus estudiosos.

O segundo grande bloco centra-se em “Os caminhos de Roma” (p. 253), contextualizando-o através do mito de Rómulo e Remo e da origem da cidade.

Deambulando pelas batalhas e pela conquista de territórios, a autora avança para a questão da adaptação dos romanos aos povos conquistados.

É de realçar o impacto da influência do povo grego, que apesar de ter sido vencido foi considerado superior, tendo assumido várias formas (política, cultural e literária), a ponto de integrar e prevalecer na reformulação da própria identidade romana.

Segue-se a questão da literatura latina. A autora enfatiza a adaptação do alfabeto, que acelerou o progresso literário do povo conquistador, e a busca pelos patrícios romanos de obras existentes nas cidades gregas. Nesta continuidade, não demorou que os romanos, obcecados pelos livros, viessem a desenvolver a sua própria criação literária e a criar espaços para os acondicionarem e consultarem: as bibliotecas. O livro tornou-se num símbolo de poder nessa sociedade guerreira onde o mecenas rico apoiava o escritor pobre: livros e bibliotecas eram uma imagem de grandeza e rivalidade tanto na esfera privada como pública.

Da diversidade literária dos temas tratados, destaca-se a referência à escravatura: escravos cultos exerciam funções educativas e participavam nos trabalhos desenvolvidos nas bibliotecas. Aborda-se assim esta educação ministrada aos jovens romanos, voluntária e não obrigatória, com uma prática generalizada da escrita, aliada ao gosto coletivo pelos livros.

Aproveita a autora para retomar a questão dos vários suportes de escrita, dos termos utilizados nas várias civilizações antigas, até chegar ao *liber* latino, do qual resultará o nosso ‘livro’, desenvolvendo o assunto no que respeita às suas estruturas externa e interna. Em analogia com as livrarias e livreiros da época moderna, a autora alude ainda à expansão da leitura desses *libri*, que circulam em círculos fechados antes da construção de bibliotecas, sendo acessíveis nas livrarias, onde se faziam cópias (como refere o poeta Marcial).

Por isso, a autora refere a história da construção de edifícios de bibliotecas em território romano, que se assumem na maioria como públicas, e cujas coleções eram sobretudo financiadas por privados. Não poderia deixar de mencionar Herculano, com a sua famosa *Villa* dos Papiros, que nos apresenta um dos maiores legados arqueológicos em questão de registos escritos.

Após uma alusão às invasões bárbaras, que contribuíram para a destruição da comunidade clássica, I. Vallejo foca-se no séc. V de Justiniano, uma época de mudanças, com o encerramento de academias, templos, teatros e bibliotecas. Um analfabetismo atroz vai ganhando terreno; mesmo assim, como a autora refere, “cada abadia, com a sua escola, biblioteca e *scriptorium*, alberga[va] um clarão dos Museu de Alexandria em tempos

de decadência” (p. 396), tentando retomar lentamente essa glória perdida através de uma laboriosa e persistente cópia e guarda de livros. Seria esse trabalho de copistas e miniaturistas que faria com que o códice medieval se elevasse glorioso e se perpetuasse no tempo, no mundo cristão e muçulmano, mostrando que “a invenção dos livros foi talvez o maior triunfo na nossa tenaz luta contra a destruição” (p. 398), como refere I. Vallejo.

No epílogo intitulado “Os esquecidos, as anónimas” (p. 403), a autora relata uma história tendo como base o território do Kentucky, nos Estados Unidos da América, na década de 1930. Perguntamo-nos o porquê desta referência, talvez justificada se recuperarmos o subtítulo do livro, mostrando que, ainda num passado recente, repleto de analfabetos, o *labor* de certas figuras, aqui representadas pelas “bibliotecárias hípicas”, contribuiu, tal como o de outras no passado, para a emersão do gosto e da necessidade da leitura e da posse de livros.

Há a ressaltar que, em toda a obra, a abordagem histórica é acompanhada de alusões às vivências da própria autora em determinados momentos e locais geográficos, que oferecem uma analogia com os temas tratados. Recorrentes são as referências a autores modernos que trabalharam sobre a temática do livro, assim como as incursões e comparações com referências literárias e acontecimentos modernos, mostrando a bagagem literária e cultural da autora.

As últimas notas centram-se sobretudo em referências bibliográficas organizadas por capítulo, auxiliando o leitor na sua contextualização durante a narrativa. Cremos que seria mais útil que tais esclarecimentos se encontrassem em nota de rodapé ao longo da obra. No entanto, compreendemos a intenção da autora em que este livro não se tornasse técnico ou científico, mas um livro de história literária. Uma lista bibliográfica permite aos interessados ter acesso a títulos que poderão servir como pistas para futuras pesquisas. A obra apresenta também um índice onomástico com a lista de autores citados, sistematizando as suas fontes, e orientando, de forma rápida, a pesquisa.

Apesar de a obra seguir um fio linear de sucessão cronológica da história do livro, a verdade é que, por vezes, o leitor menos atento poderá perder-se, em certos momentos da narração. Contudo, saliente-se o mérito de a escrita ser fluida e acessível, prestando-se cuidado na construção da narrativa e tendo como base fortes alicerces documentais de fontes primárias fidedignas, não só antigas como da história moderna. Como a própria contracapa indica, não foi ao acaso que foi considerado um dos melhores livros do ano pelos jornais *El Mundo*, *La Vanguardia* e *The New York Times* (edição espanhola).

Consideramos que a sua construção assenta sobretudo no objetivo final de um público-leitor com um intuito lúdico de leitura ou com o desejo de conhecer os primórdios e a evolução do livro ao longo dos tempos. Não deixa, porém, de ser um contributo interessante para os investigadores da área.

ALEXANDRA COELHO DOS SANTOS

alexasantos54@hotmail.com

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

<https://orcid.org/0000-0001-5295-3039>

https://doi.org/10.14195/2183-1718_78_11

